

---

Educação Física

---

**Amanda Guzman Pasculli**

**Diferença no número de técnicas e técnicos de voleibol: uma análise  
das categorias de base até o adulto.**



Rio Claro  
2013

AMANDA GUZMAN PASCULLI

DIFERENÇA NO NÚMERO DE TÉCNICAS E TÉCNICOS NO  
VOLEIBOL: UMA ANÁLISE DAS CATEGORIAS DE BASE ATÉ O  
ADULTO.

Orientadora: SURAYA CRISTINA DARIDO

Co-orientadora: IRLLA KARLA DOS SANTOS DINIZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Instituto de Biociências da Universidade Estadual  
Paulista —Júlio de Mesquita Filho II- Campus de  
Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharelado  
em Educação Física.

Rio Claro

2013

796.325 Pasculli, Amanda Guzman  
P281d Diferença no número de técnicas e técnicos no voleibol :  
uma análise das categorias de base até o adulto / Amanda  
Guzman Pasculli. - Rio Claro, 2013  
31 f. : il., gráfs.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação  
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de  
Biotecnologia de Rio Claro

Orientador: Suraya Cristina Darido

Coorientador: Irla Karla do Santos Diniz

1. Voleibol. 2. Gênero. 3. Cultura. I. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradecer a Deus, por me proporcionar mais essa conquista.

Á minha família, meus pais por estarem sempre ao meu lado e me apoiando nos momentos de angustia da graduação, sempre me incentivando, aconselhando e não me deixando desanimar, e irmã que sempre estava disposta a me aconselhar e ajudar em trabalhos e nesse projeto.

Á todos os meus amigos que tive contato na graduação em que pude passar muitas horas desses quatro anos e poder aprender com cada um com as experiências vividas. Em especial Cláudia, Livia e Mariama que foram minhas maiores companhias, me suportaram nos momentos difíceis, me ajudaram a aprender e amadurecer em vários aspectos e se tornaram uma família que levarei para o resto da vida.

Agradecer á todos os professores do departamento de Educação Física e da Educação que contribuíram para a minha formação acadêmica, que tiraram de mim horas de sono com estudos.

Á minha co-orientadora Irla que separou algumas horas para estar me ajudando a escrever esse projeto, mesmo com seus outros trabalhos, estava disposta a ajudar com toda a paciência e responsabilidade.

E a minha orientadora Suraya que sempre estava disposta a dar opiniões e conselhos para melhora do trabalho.

Agradecer a minha amiga Marcela por ajudar em algumas etapas do trabalho fazendo com que o projeto tenha sido concluído.

E por fim a todas as pessoas que ingressaram na faculdade comigo, turma 1 e 2 por transformarem esses os melhores anos da minha vida.

## RESUMO

O Voleibol se constitui em um esporte que vem conquistando um importante contingente de público, alcançando uma visibilidade crescente principalmente nos últimos anos. Apesar de constituir em um esporte bastante democrático, uma vez que é praticado tanto por homens quanto por mulheres, pode-se verificar que existem diferenças discrepantes quando esta análise se refere a quem está no comando das equipes. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi analisar a presença feminina no voleibol (técnicas) do país desde as categorias de base até o adulto profissional, por meio de uma investigação documental. Os dados foram coletados em documentos eletrônicos, em sites oficiais e de federações de times. Os resultados apontaram que o número de técnicas no comando de atletas de voleibol é mínimo, mostrando assim a diferença entre o tratamento profissional dado aos gêneros masculinos e femininos. Os resultados mostram que certas discrepâncias são causadas não apenas por falta de profissionalismo, e sim pelas características culturais que ainda entendem o lugar da mulher como o doméstico e não no campo do comando esportivo.

**Palavras-chave:** Gênero. Voleibol. Cultura.

## **ABSTRACT**

Volleyball is a sport that has gained an important contingent of public, achieving a growing visibility especially in recent years. Despite being a very democratic sport, as it is practiced by both men and women, it can be observed that there are differences when the analysis refers to who is in charge of the teams. So the purpose of this study was to analyze the presence of women in the country volleyball (coaches) from base categories to the professional adult, through a documental research. Data were collected from electronic documents, official websites and websites of federations teams. The results indicated that the number of women coaching volleyball athletes is minimal, revealing the difference between the professional treatment given to male and female genders. Therefore, it became clear that certain discrepancies are caused not only by lack of professionalism, but also by the cultural characteristics that still consider the place of women as domestic and not in the command of field sports.

**Key-words:** Gender. Volleyball. Culture.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. OBJETIVO.....	8
3. HISTÓRIA DO VOLEIBOL .....	9
3.1 Voleibol: características básicas .....	10
4. GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	12
5. METODOLOGIA.....	16
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
6.1 Espaços ocupados por Mulheres como técnicas no voleibol .....	17
6.2 Dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do projeto .....	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
8. REFERÊNCIAS.....	27

## 1. INTRODUÇÃO

O voleibol é hoje um dos esportes mais praticados no país, perdendo apenas para o futebol. Modalidade em extrema ascensão, mesmo com mulheres atuando e alcançando resultados expressivos no alto rendimento, por exemplo, o número de homens atuando como técnicos é maior do que o de mulheres atuando como técnicas (OISHI, 2010).

Estes dados mostram a normalização da sociedade de que os esportes e os cargos de liderança dentro do esporte são direcionados aos homens, mesmo naqueles que possuem maior público feminino, como é o caso do voleibol.

Para Staurowsky (1990), o sistema esportivo é sustentado por uma estrutura patriarcal enfatizando qualidades como competitividade, agressividade, e domínio que já são tradicionalmente características masculinas, e por fim, desenvolvendo uma noção de que treinar atletas é uma tarefa de homens e não de mulheres. Assim, fica clara a divergência da inserção no mercado de trabalho olhando para homens e mulheres, tendo estas muito mais dificuldades de obter colocação, principalmente em cargos de comandos, e quando conseguem, mesmo tendo as mesmas funções, na maioria das vezes são menos remuneradas do que os homens (OLIVEIRA, 2002).

No voleibol, por exemplo, a seleção brasileira feminina é bastante reconhecida por obter muitos títulos no decorrer da história, conquistando a primeira vitória em um campeonato internacional no Sul-americano, no mesmo ano em que o time masculino, em 1951 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2013).

Na atualidade o voleibol feminino já alcançou maior reconhecimento social diante da sociedade como um todo, o que pode ser percebido inclusive pela exibição de jogos da Superliga Feminina de Voleibol na televisão aberta, o que era inimaginável há anos atrás.

Nos primeiros eventos esportivos criados, conhecidos como Panatéias (primeiros jogos olímpicos), as mulheres eram proibidas de participar até como espectadoras visto que isto poderia representar riscos à integridade física

delas, bem como danos fisiológicos pelo acesso ao *Stadium* (local em que as provas eram realizadas), ser muito íngreme. Mas a participação dos jogos era proibida em função da cidadania ser apenas para aqueles que guerreavam, papel este dado para os homens, assim excluindo as mulheres da vida pública, e tendo apenas o papel de serem mães (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

A partir do século XX as mulheres brasileiras de elite, começaram a inserir-se mais no espaço público, buscando assim, mais reconhecimento, bem como a garantia dos seus direitos. No entanto, mesmo assim, as atividades físico-desportivas só eram praticadas por aquelas que possuíam o apoio da família e eram restritas ao espaço privado, por serem consideradas masculinas. Diferente de outros direitos conquistados pelas mulheres brasileiras, no que se refere à emancipação esportiva, não houve confrontos nem lutas por espaço, mas sim um lento processo de infiltração que teve uma consolidação pela prática. Com a participação crescente no meio esportivo, de forma intensa e com grande visibilidade, muitos autores admitiram desaconselhar as atividades desportivas que requerem força muscular para o sexo feminino (MOURÃO, 2000).

Com todo esse histórico e analisando a situação atual da sociedade e do esporte, ficam algumas lacunas a serem preenchidas. Dentro da área desportiva, mais especificamente do voleibol, apesar da presença de atletas do sexo feminino dentro desta prática, a frequência de técnicas e técnicos não parecem ser equivalente. Deste modo, seria interessante investigar como acontece a distribuição dos técnicos e técnicas ao longo das diferentes categorias que existem dentro deste esporte, para entender e delinear qual o espaço de cada gênero em cargos importantes desta modalidade.

## **2. OBJETIVO**

O objetivo do presente estudo foi analisar a presença feminina no voleibol (técnicas) do país desde as categorias de base até o adulto profissional, por meio de uma investigação documental.

### 3. HISTÓRIA DO VOLEIBOL

O voleibol foi criado com o intuito de ser um esporte relaxante, que tivesse menor gasto calórico do que o basquetebol e que pudesse ser praticado pelos mais velhos, para que os homens praticassem após o trabalho cansativo. Foi criado pelo professor William G. Morgan, responsável pela recreação na Associação Cristã de Moços na cidade de Holyoke, Massachusetts, Estados Unidos, no ano de 1895. Criando assim um jogo de quadra (coberta), que fosse recreativo e ao mesmo tempo competitivo. Utilizando a rede que separava a quadra de tênis elevada a 1,98 m e comum a bola branca medindo de 65 cm a 67cm de circunferência, e pesando 270g, este esporte começou a ser desenvolvido. De início, o que viria a ser chamado de *volleyball* era chamado de *minonette*. O nome surgiu derivado do tênis. O ato de jogar a bola constantemente em *volley* ou voleio, sobre a rede, fez com que William G. Morgan adotasse o nome *volleyball*, hoje um esporte mundial (DUARTE, 2003).

A partir de então, o voleibol foi ganhando adeptos, crescendo mundialmente no decorrer dos anos. O Peru em 1910 foi o primeiro país da América do Sul a ter contato com o esporte, com a intenção de organizar a educação primária. Só em 1949 foi realizado o primeiro campeonato mundial de voleibol, mas apenas para homens. E só em 1952 o público feminino pode estar presente também. 1964 a modalidade entrou nos Jogos Olímpicos e se manteve até hoje (OISHI, 2010).

No Brasil, segundo alguns autores a primeira aparição do voleibol foi em Recife, Pernambuco, em 1915, outros dizem ter sido na ACM de São Paulo, em 1916. O primeiro Campeonato Brasileiro foi organizado em 1944 e o sul-americano foi disputado em 1951, apenas com a equipe masculina, evento no qual o Brasil foi sede e campeão (BIZZOCCHI, 2008).

Em 1954, nasce a confederação Brasileira de Voleibol (CBV) órgão que representa a entidade máxima de voleibol do país, filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e à Federação Internacional de voleibol (FIVB). Exemplo de gestão esportiva é responsável por realizar toda a parte técnica e logística dos campeonatos em território brasileiro. Depois de meio século de existência, o

voleibol se transformou nesta máquina de títulos dentro de quadra (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2013).

### **3.1 Voleibol: características básicas**

Mesmo sendo muito popular e conhecido, o voleibol segundo os professores escolares, é um esporte com bastantes dificuldades de ser ensinado aos alunos, por apresentar gestos muito técnicos, difíceis de ser aprendidos, que com o tempo são aprendidos mais facilmente pelo amadurecimento físico, desenvolvimento motor e pelas experiências de outras atividades durante a vida (ROSÁRIO; DARIDO, 2005).

De acordo com Bizzochi (2008), a fama do esporte se dá pelo fato do mesmo possuir diferenças no que diz respeito às habilidades exigidas, que não são apenas as básicas como o andar ou o correr, mas também algumas envolvem algumas específicas. Em outras modalidades são utilizadas habilidades que são adquiridas durante o processo de desenvolvimento como, o correr, o saltar e arremessar. Tendo base nos deslocamentos específicos, fica evidente a dificuldade expressa no voleibol em que as habilidades naturais misturam-se em um deslocamento que terá que ser feito para realizar uma determinada ação como o bloqueio ou a defesa.

Quando se analisa a maneira que a bola é impulsionada, verifica-se que o rebater é a habilidade mais presente, em que o executante mantém o controle da bola junto ao corpo, ou ainda, uma sequência de absorção e propulsão com o contato instantâneo. Mas não de forma comum, pois todos os outros esportes que realizam essa ação (tênis e beisebol) utilizam algum material sem ser alguma parte do corpo, já o voleibol não possui nenhum material para executar as ações.

E por isso este esporte possui um obstáculo de aprendizagem, começando na escola nas aulas de Educação Física onde o ensino é deixado para os últimos semestres, pois as habilidades de rebater precisam ser abordadas de maneira diferenciada das outras, e assim acaba sendo mais resumido. Além disso, suas ações e decisões precisam ser imediatas, visto que o número de toques dados na bola por equipe é limitado, sem permitir que segurem a bola, o que diminui o tempo de raciocínio existente durante uma jogada (IMPOLCETTO, 2012).

O papel do técnico de qualquer equipe está na visão do jogo como um todo, sendo o responsável pela organização e direcionamento da equipe durante a partida. Com a ajuda da comissão técnica, ele determina as responsabilidades de cada membro da equipe, para que possa obter todas as análises do jogo facilitando a escolha de suas jogadas, e evitando qualquer eventualidade ou problema (BIZZOCCHI, 2008).

#### **4. GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

Faria e Nobre (2003) descrevem gênero como sendo a relação entre homens e mulheres, surgindo após muitos anos de lutas feministas e tentativas de explicar teoricamente opressão sofrida pelas mulheres. O conceito foi iniciado pela antropologia e psicanálise, construindo as relações de gênero e definindo as identidades femininas e masculinas, dando base nos papéis sociais hierárquicos (desiguais) e distintos. Por isso, o termo gênero, foi a palavra dada para diferenciar a construção social do sexo biológico.

A vida social é o fator determinante para as relações de gênero, assim cada época e cultura se dá de uma forma diferente. Normalmente as desigualdades já são apresentadas na infância, em que as roupas, os brinquedos, modos tidos como adequados para cada gênero, os jogos e até esportes são “estipulados” para cada um, assim, crescem tendo habilidades diferentes com papéis distintos que irão influenciar suas escolhas e alternativas durante sua vida.

Com todas essas imposições sociais, que estimulam a desigualdade, são formas de passar adiante a opressão entre os gêneros, mantendo estes da maneira que sempre estiveram em que a mulher será submissa, “limitada” (SÃO PAULO, 2003).

Conselhos e até palavras de ordem, são ditas com a intenção de “ensinar” sobre religião, comportamento, amor, assim impondo o que preferir ou recusar querendo reproduzir os corpos e a criar o estilo da pessoa, o modo de viver e ser. Muitas dessas orientações provêm de pessoas e áreas com tradições dirigidas por uma autoridade, como a medicina, a ciência e a religião ou até vindas da família. Outras parecem surtir efeitos só pelo fato de ecoar ou “surgir” no espaço, como a mídia (LOURO, 2008).

Vianna (2003) admite que as diferenças entre homens e mulheres na nossa sociedade são relacionadas diretamente ao sexo, pontuando suas características físicas tidas como naturais e imutáveis. Com bases essencialistas do que é ser homem e/ou mulher, assim se constrói um estereótipo para cada um desses com isso causando até uma discriminação e exclusão entre os sexos.

O que é mais visto pensando em alto rendimento, são mulheres no comando de equipes de ginástica, natação e danças, pois desde a graduação as mulheres seguem aqueles modelos de serem mais delicadas, compreensivas, maternais e carinhosas, já os homens mais fortes, competitivos e agressivos que impõe respeito podendo assim atuar com as equipes de aperfeiçoamento e treinamento com êxito (DEVIDE, 1998).

Desse modo, fica evidente que são impostas no dia a dia, características que são pré-requisitos para se trabalhar com equipes esportivas que tende a afastar as mulheres desse campo de atuação. Segundo algumas técnicas entrevistadas, as mulheres modificam seu comportamento para se enquadrar nas características que acham necessárias para trabalhar com o treinamento, tendo uma manutenção do seu lado feminino, e mesmo que inconscientemente, as diferenças do sexo e não do gênero. Já outras acreditam não precisar ter que mudar seu comportamento para comandar grandes equipes, em que afirmam que a personalidade não muda e o que devem levar de importância é a competência e a liderança para treinar, e que são consideradas características “ditas masculinas”. Mas também mostra os lados positivos de serem mulheres, que acabam tendo uma relação mais próxima dos/as atletas, por apresentarem o estereótipo da maternidade, mas sem tirar a relação de respeito e competência pelos resultados apresentados enquanto técnicas esportivas (OLIVEIRA, 2002).

Segundo Costa, Silva e Avila (2000), as aulas de Educação Física nas escolas estão reproduzindo o modelo sexista, em que trabalham com o modelo masculino reafirmando a distribuição das diferenças enfrentadas e impede a recriação do sexo feminino. E fica evidente a aceitação das meninas em participarem das atividades ditas masculinas, já o contrário há uma resistência dos meninos perante aquelas femininas.

Nessa sociedade que vivemos, nem em locais como a escola que é um ambiente misto, que existem relações entre os sexos, há uma reflexão sobre a superação do preconceito existente que foi totalmente controlados e moldados por mecanismos socioculturais. E obviamente o corpo feminino teve uma construção cultural diferenciada da do corpo masculino, assim resultando em uma diferenciação motora que não é natural e nem é determinada exclusivamente pelos componentes biológicos. Com tudo isso, meninas e

meninos crescem em torno das expectativas impostas para que cumpram os papéis e assumam as posturas esperadas para cada um (SOUZA JÚNIOR, 2004).

Socialmente é evidente essa diferenciação entre os gêneros, em que os meninos jogam futebol, um esporte com movimentos mais amplos, e as meninas ficam com movimentos mais restritos como pular elástico ou brincar de casinha. Com as atividades separadas para cada gênero, o desempenho motor acaba ficando diferente em que os meninos têm maior possibilidade de ampliar suas experiências, e as meninas são educadas a cumprirem seu “papel social” (ROMERO, 1994).

Tudo isso contribui para já iniciar uma competitividade entre eles, que normalmente não deveria existir. Oferecer atividades de cunho valorativo para ambos de forma a colaborar com um trato mais igualitário entre eles. Pois sempre reforçar identidades padronizadas como as brincadeiras repetitivas, de tarefas de manutenção de ordem, por exemplo, já pode ser a primeira manifestação de repressão à mulher (SÃO PAULO, 2003).

Na área esportiva há poucos estudos falando sobre a comparação de gênero, normalmente até ressaltam a diferença existente de comportamentos como no de Oliveira e Bonifácio (2007), que realizaram suas pesquisas em times masculinos e femininos de voleibol, em uma competição e viram que as mulheres possuem o lado sentimental, que expressam mais emoções e etc, e o lado emocional como a ansiedade é muito mais presente. Ou como na dissertação de mestrado de Oliveira (2002), que mostrou as representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível Mas não são publicados aqueles que ajudem a lidar com essas diferenças, de tentar encaixar a melhor maneira de lidar com estas e assim poder obter os resultados esperados.

A realidade que vivemos em que mulheres são “desvalorizadas” nos cargos de liderança, já é algo histórico como já dito e no meio esportivo isso não muda. Olhando primeiramente por seleção brasileira, desde a década de 50 até a atual, anos 2000, não existiu nenhuma mulher que estivesse á frente do time que representou o Brasil nos campeonatos e Olimpíadas, nem se quer uma auxiliar técnica ou preparadora física (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2013).

Tudo isso se dá pelo simples fato de uma resistência da sociedade trabalhista, que hegemonicamente é masculina, que não reconhece a capacidade profissional feminina, por receio de perder espaço no mundo do trabalho (OLIVEIRA, 2002).

## 5. METODOLOGIA

O estudo teve características de uma pesquisa qualitativa, na qual se investiga e interpreta os diferentes dados da realidade (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Foi utilizada especificamente a pesquisa documental para realizar o levantamento em fontes eletrônicas (*sites* oficiais), acerca da presença ou não de mulheres como técnicas de times de voleibol em níveis nacionais.

A pesquisa documental é definida por ser feita com materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados conforme o objetivo da pesquisa, com fontes mais diversificadas e dispersas (GIL, 2007).

Esse tipo de pesquisa de análise documental é uma das formas valiosas de abordagens dos dados qualitativos, podendo ser complementando com informações obtidas ou “descobrimo” aspectos novos de um tema. Busca identificar informações factuais a partir de hipóteses ou questões de interesse do pesquisador. São considerados documentos qualquer material escrito que possa ser transcrito e usado como fonte de informação sobre algum assunto (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Os dados foram tratados por meio de uma análise descritiva, em que são apresentados gráficos com as frequências de técnicas e técnicos no voleibol no país, com o objetivo de elaborar uma visão geral deste quadro desde as categorias de base até o adulto profissional.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de mostrar a grande diferença existente no ramo esportivo entre o número de mulheres e de homens atuando profissionalmente em times de voleibol, esta pesquisa foi realizada, como apontado na metodologia, com base em 39 *sites* oficiais de voleibol e times de diferentes cidades brasileiras.

Desta forma, foram elaboradas algumas categorias de análise para que os dados pusessem ser tratados de modo específico. A primeira delas vai abordar os dados encontrados na análise dos *sites*, e a segunda as dificuldades encontradas no processo de desenvolvimento desta pesquisa.

### 6.1 Espaços ocupados por Mulheres como técnicas no voleibol

A pesquisa foi realizada visando analisar vários documentos eletrônicos de diferentes categorias, como times de base, adulto, federações, confederação brasileira e até o projeto social da CBV (Confederação Brasileira de Voleibol). Desta forma, cada nível foi analisado individualmente a fim de facilitar a visualização dos dados. Com tudo em decorrência da falta de informações completas e a dificuldade de acesso aos dados fizeram com que os resultados não tivessem os resultados exatos na sua totalidade.

Iniciação: Na fase de iniciação, os times de base como mirim, infantil e infanto-juvenil, segundo os dados encontrados, é o primeiro passo para a mulher no ramo. Dentre os times pesquisados que no total eram de 122 times no Brasil, onde os de base foram encontrados oito de todos os estados e regiões, que possuíam algum registro de técnicas. Sete destes são da região Sul, o AJOV (Associação Joaçabense de Voleibol) com Karina Patrícia de Souza na categoria infanto, Juvenil, infantil feminino no ano de 2012 e 2013; no mesmo time Dédora Aparecida Sulfredini na categoria mirim feminino no ano de 2012; Nova Trento com Karina Patrícia de Souza, no ano de 2011 com o time feminino de 15 a 17 anos e Vandelina Tomasoni Ribeiro no mesmo ano, mas na categoria de 12 a 14 anos feminino; Balneário Camboriú com Farid Beraldo no time até 16 anos feminino; Blumenau vôlei clube com Gracielle F. de Aquino com times femininos; Time infanto-juvenil feminino da Federação

Gaúcha, Helga Sasso no ano de 2013; e Círculo Militar do Paraná feminino com Tatiana Ribas no ano de 2012.

No Sudeste há no time de Americana a técnica Regiane Berardo na categoria pré-mirim feminina e Sandra Ferrer na categoria mirim feminina do time do Náutico União. No Mato Grosso, no time Lucas do Rio Verde, Tereza Garcia que é técnica de muitas equipes, dentre elas estão times masculinos e femininos.

Algo que pode ser observado é que mesmo havendo e sendo pequeno o número das mulheres técnicas, os times que estas comandam são praticamente 100% femininos. Em que só a técnica Tereza Garcia apresentou dados de que está à frente de times masculinos.

Pode-se perceber, que apesar de baixa, ainda é possível encontrar a presença feminina nos times de base, o que pode estar associado à baixa expressividade que este nível possui diante do esporte de alto rendimento.

Quando está à procura dos dados desejados, em níveis de iniciação, o trabalho é muito mais árduo. Em que os *sites* não oferecem as informações e com isso estas só foram encontradas mais facilmente pelo contato de uma das técnicas, em que fornecem nomes da maioria das mulheres encontradas.

Projetos sociais. Em projetos sociais, as mulheres possuem uma representatividade maior, com a intenção de integrar as crianças com esportes, como, por exemplo, o “Vivavôlei”, iniciado em 1999 pela CBV (Confederação Brasileira de Voleibol) que tem apoio institucional da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), cuja diretriz é educar e socializar meninos e meninas de 7 a 14 anos por meio do esporte. Projetos como estes quando iniciados, são chamados de centros, totalizando 42 espalhados por 15 estados do Brasil: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Tocantins.

No gráfico 1, pode-se observar a porcentagem das mulheres no comando dos centros “Vivavôlei” pensando nos estados em linhas gerais. E como foi observado, é uma porcentagem mínima perante os homens, 11 centros representando apenas 26% do total apresentado. Mostrando assim, que em níveis mais baixos de treinos, como o caso desses projetos sociais a

mulher já possui uma abertura mais considerável no ramo de trabalho perante o alto rendimento que apresentou apenas 4% do total.



**Gráfico 1:** Porcentagem de mulheres à frente dos centros do “Vivavôlei”.

Dentre estes, o gráfico 2 mostra os cálculos por centros de cada estado/cidade que estão sob o comando de técnicas, levando em conta que alguns estados como o Rio de Janeiro e São Paulo possuem mais de um. No Amazonas com Lilian Picanto, na Bahia com Karina Melo, em Minas Gerais com Adriana Lobo, no Pará com Aline Alvarenga, no Paraná com Francielli Silva, no Rio de Janeiro com Viviane Mendes em Petrópolis – Bingen I e II e em Niterói com Marcia Nery, no Rio Grande do Sul com Luciana Tedesco da Rocha George e em São Paulo com Glaucia Dionysio e Joana D’arc em Jaú e Mariana Camargo em Sumaré.

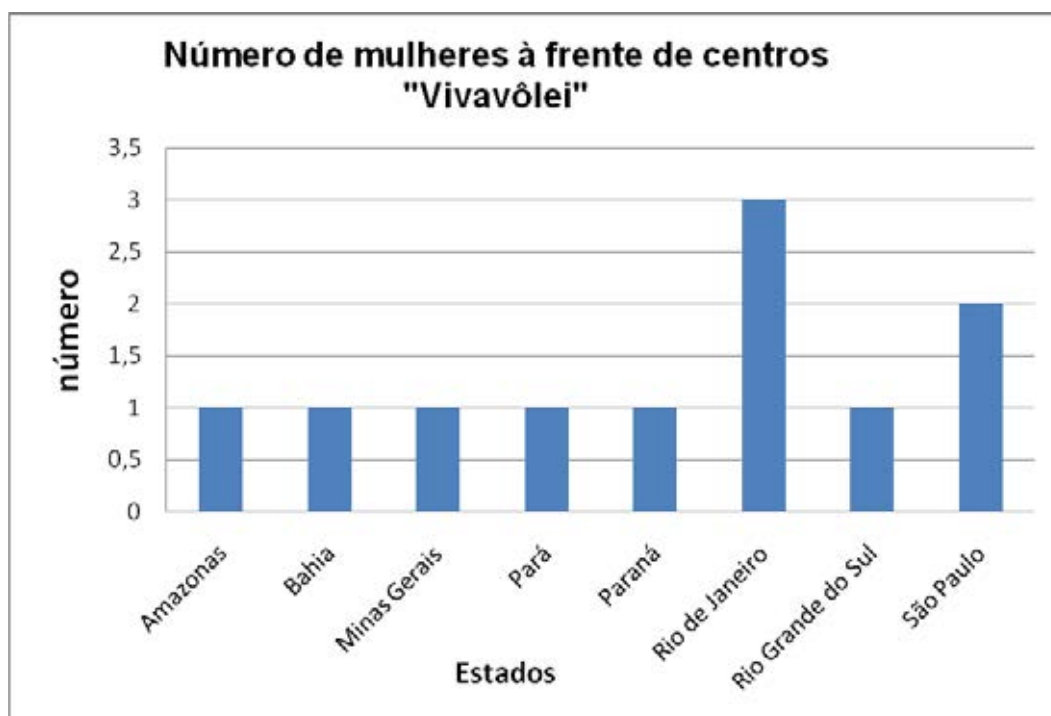


Gráfico 2: Número de mulheres comandando centros “Vivavôlei”, separadas por estados.

No gráfico 2, está ilustrado os estados que possuem algum centro “Vivavôlei” sob o comando de mulheres, e os outros como Alagoas, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Paraíba e Tocantins só possuem homens à frente dos centros de suas cidades. O que representa mais da metade dos estados apresentados.

Como é possível observar no gráfico 2, a minoria dos centros “Vivavôlei” possuem uma mulher no comando, apenas 8 dos 15 estados. Destaca-se o Rio de Janeiro com três centros diferentes, em que este possui 15 centros espalhados pela cidade, mostrando o maior incentivo pelo esporte. Mas com uma baixa porcentagem de mulheres.

A presença feminina no ramo profissional de qualquer esporte é reconhecidamente menor, mas as mulheres não devem desistir de lutar por seu espaço nesta área, assim como nos demais campos.

Estes dados refletem a desvalorização da mulher no esporte de alto rendimento, em que os cargos de prestígio são ocupados majoritariamente pelos homens. Desta forma, para ocupar o posto de técnica em alguma equipe, a mulher tem que estar disposta a conciliar o trabalho com a vida pessoal, que muitas vezes inclui o papel de mãe, esposa e dona de casa. Como disse a

técnica de natação Letícia Macedo Moreira, do Olaria Atlético Clube, a mulher tem que ultrapassar seus limites para estar nessa profissão:

“... mesmo nessa confusão toda de vida pessoal, eu ainda tomo conta de três filhos, de uma casa que eu sustento e de seis crianças em Caxias que só vivem se eu cuidar, sem empregada ... porque nesta vida, você não tem família, não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado. Quando você assume a parte competitiva da coisa, você tem que esquecer tudo isso ... porque isso eu digo, que você tem que realmente querer...” (OLIVEIRA, 2002, p. 52).

Algo interessante para se destacar, é que a mulher possui uma maior taxa de escolaridade perante os homens desde décadas atrás. O que segundo Ferraro (2010), diferencia os valores e pretensões da sociedade, definindo a casa e a família como o lugar e a ocupação da mulher, algo bem diferente das concepções, valores e práticas efetivas do universo masculino. E se essa relação mudou conforme os anos passaram, certamente não tem a ver com o sexo (aspectos biológicos que diferenciam homens e mulheres), mas sim com o gênero (com as mudanças de concepções e valores perante a mulher e o seu papel e lugar na sociedade e também nas relações sociais entre os gêneros).

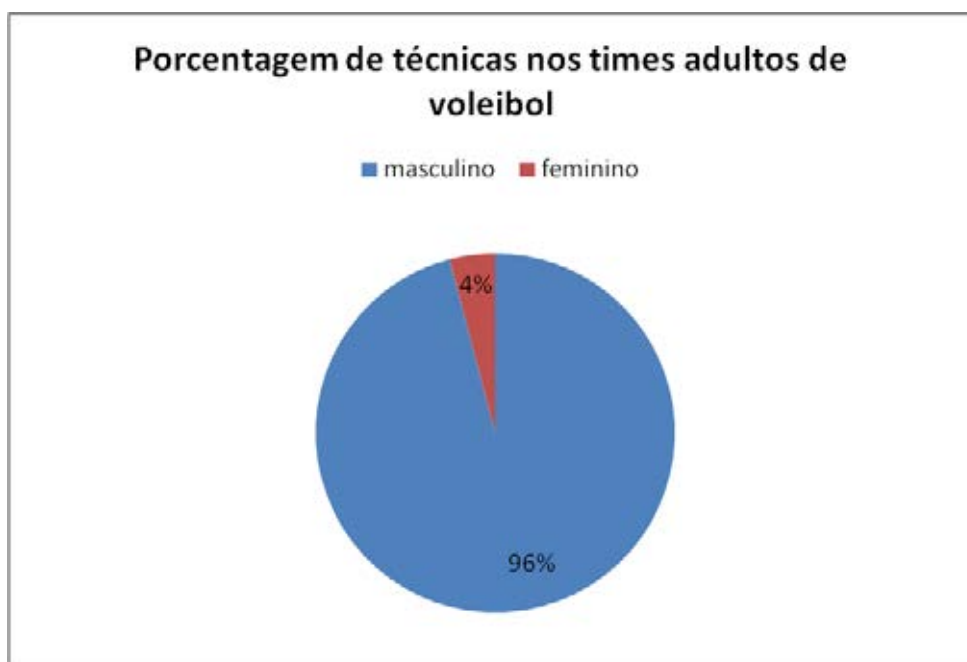
Segundo Souza Júnior (2002), o conceito gênero enfatiza as divisões sociais que são construídas pela cultura, evidenciando um trabalho que pode ser escolar ou não, que por meio de certos sentidos/significados que são aprendidos/ensinados via movimentos corporais que são considerados “naturalmente” femininos ou masculinos. Acentuando-se uma divisão dicotômica do corpo/intelecto quando se refere à construção social.

Este estudo mostra que a desculpa de níveis intelectuais e de escolaridade não estabelecem relações com a discrepância do número de mulheres entre homens pensando nas suas áreas profissionais.

Foram encontrados poucos times de alto nível profissional que tenham a presença de uma técnica e com bons resultados em campeonatos. Aqueles que possuem nomes e título não são muito divulgados, afinal o interesse da mídia é voltado apenas a certos esportes.

Categorias: Adulto. Já pensando nas categorias dos times, quanto às equipes adultas, foram encontradas 122 equipes dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e

regiões Nordeste, Centro-oeste e Norte. Dentre estes, apenas cinco eram comandados por mulheres, o que representa apenas 4% do total.



**Gráfico 3:** Porcentagem de técnicas nos times adultos de voleibol.

Um exemplo, no estado de São Paulo é o time feminino de Araraquara (Uniara/Fundesport), com a técnica Sandra Mara Leão (46 anos), que está no comando do grupo desde 2006. Esta equipe foi a primeira a ser liderada por uma mulher, que conseguiu se classificar para uma competição nacional, a Superliga de Voleibol do ano de 2013 (principal competição do país).

Outro exemplo, em Porto Alegre, com Helga Sasso do time do Sogipa no ano de 2012, que também comanda o time feminino adulto. Uma da região Centro Oeste de Mato Grosso, Tereza Garcia do time Lucas do Rio Verde, que comanda o voleibol da cidade, sendo técnica de quase todas as categorias desde infantil, adulto masculino, até máster feminino e masculino. Duas do Norte, Lilian Valente do time de Manaus E.C. masculino e Socorro Farias de ESMAC do Pará com a equipe masculina adulta.

Nota-se a enorme diferença entre os gêneros, quando se trata de líderes de equipes, como representado no gráfico 3 sobre os times adultos do Brasil, segundo os dados encontrados. E analisando esses com técnicas treinando times masculinos, os dados se afunilam ainda mais, dentre essas 5 equipes

apenas 2 mulheres comandam homens no Brasil segundo os dados encontrados.

A pouca representatividade de mulheres técnicas segundo Staurowsky (1990), fortalece o entendimento de que o sistema esportivo cria e reforça o elo existente de gêneros entre os esportes e a masculinidade. Com isso, tudo fica sustentado por uma estrutura patriarcal, em que enfatiza características de agressividade, domínio, risco e competitividade, assim dizendo ser especificamente dos homens. Desenvolvendo desta forma, a noção de que treinar atletas é tarefa masculina e não feminina.

Pensando em níveis de seleção brasileira, não há e nem houve mulheres em algum cargo de liderança desde o ano de 1951, que foi o primeiro ano a se ter um time profissional de voleibol participando de competições. Nem sequer há registros de outras profissionais responsáveis por algum cargo de liderança, ou na equipe de apoio.

A entrada, estabilidade e promoção de técnicas na carreira de comando de equipes de alto nível é árdua, mas não se pode associar apenas à falta de qualificação profissional ou à disputa muito elevada da profissão. As diferenciações resultantes de um mundo esportivo masculinizado aparecem rapidamente quando está à procura de um emprego como técnica. Naturalmente, logo se escuta a pergunta se realmente vai trabalhar com aquele determinado esporte e se já foi atleta de alto nível ou da seleção brasileira. A constante avaliação da qualidade de trabalho e sobre sua capacidade de trabalhar vai aparecer quando uma mulher resolve estar à frente de algum time (OLIVEIRA, 2002).

Federações. Pensando em níveis de federações, pois muitos dos times de cidades não foram encontrados dados e com isso, os sites das federações dos estados foram analisados à procura de mais informações. Assim, alguns times acabaram se repetindo na categoria adulta também. Foram analisados 10 *sites* nas regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste e especificamente nos estados, de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Tocantins, Pará e Mato Grosso. Dentre estes, apenas dois, o que representa 20% do total dos sites

analisados, apresentavam informações sobre técnicas, sendo eles, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

E, dentre esses *sites* encontrados, apenas o de Santa Catarina possuía dados completos do seu estado, com nome completo de todos os técnicos que trabalham na área do voleibol e em quais níveis (categorias) estão, dentro do seu estado no ano corrente. São ao todo, 123 profissionais e apenas 17 são mulheres, o que representa 13,82% do total pesquisado.

Esta análise permitiu a construção de um balanço acerca do espaço que a mulher possui no esporte, visto que, o que começa de forma discreta nos times de base e em projetos sociais, ao longo da carreira esportiva, parece diminuir exorbitantemente, a ponto de não existir registros de mulheres no comando da seleção brasileira de voleibol. Portanto, a resistência à presença feminina em cargos de comando ainda parece um problema a ser enfrentado na sociedade brasileira e no esporte, o que muitas vezes pode se mostrar como uma forma de receio masculino perante o avanço feminino.

E segundo Oliveira (2002), a construção da diferença sexual é dada pelas práticas e discursos que a legitimam. E com isso essa divisão do trabalho segundo os gêneros, está relacionada a uma diferença de natureza a oposição de trabalho doméstico e trabalho assalariado. Tal legitimação acaba provocando uma divisão entre os gêneros da mão-de-obra no mercado de trabalho, agrupando as mulheres em atividades que são ditas “femininas” e assim as colocando em uma etapa abaixo na hierarquia profissional. Diz que o direito ao trabalho da mulher vem muito mais tarde do que o direito á política, principalmente por causa da resistência social perante os direitos trabalhistas, que é hegemonicamente masculina, em reconhecer a capacidade profissional feminina, muitas vezes por medo de perder espaços e cargos no mundo do trabalho.

## **6.2 Dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do projeto**

No processo de coleta de dados enfrentaram-se dificuldades em encontrar os dados desejados na maioria dos *sites*, pois vários destes não ofereciam se quer o nome do atual técnico/técnica da modalidade, muito menos de anos anteriores, demonstrando a falta de atualização.

Além disso, muitos times de cidades, federações e clubes nem possuem uma plataforma eletrônica informando os acontecimentos diários, apresentando os seus atletas, categorias e profissionais que estão atuando.

A falta de incentivo, bem como, de patrocínio é um fator muito importante para essa ausência de informações, visto que em algumas regiões, apesar de possuírem times de voleibol, não apresentam uma fonte eletrônica de dados e notícias.

Um exemplo é Bahia onde existem times de voleibol de quadra, mas o maior incentivo é direcionado ao vôlei de praia, e assim, no próprio site da federação de voleibol só existem informações sobre esta modalidade. Com isso os esportes de quadra vão ficando “esquecidos” pelo clube/cidade causando crises nos times e desestimulando os profissionais que estão à frente destes e os atletas. Assim, dificultando a entrada e interesse de crianças que estão na iniciação e base, causando no futuro uma diminuição de praticantes do esporte naquele estado em específico.

Muitos dos sites encontrados apresentavam apenas o nome do técnico atual dos times adultos, poucos destacavam informações sobre as outras categorias, o que demonstra o descaso com os níveis iniciantes.

Houve *sites* de cidades, que divulgavam notícias diárias sobre tudo o que acontecia na cidade, inclusive sobre o esporte. Mas não existia uma divisão para cada setor, e assim os dados ficavam dispersos no meio de notícias lançadas.

Se esses dados estivessem com um fácil acesso, a coleta poderia ter sido realizada de modo mais completo e com resultados mais concretos, oportunizando um mapeamento mais completo. Tudo isso mostra a falta de interesse dos dirigentes ou pessoas responsáveis pelas informações, em atualizar os documentos eletrônicos e assim divulgar seus times, clubes e projetos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados de que dentre os 122 times encontrados, em níveis dos times de base (iniciação) apenas 8 possuíam técnicas, e em níveis adulto 5. Nos projetos sociais dentre 42 centros espalhados pelo Brasil, apenas 11 possuem pelo menos 1 mulher comandando. Quanto á federações 10 *sites* foram analisados e apenas 2 times apresentaram dados positivos de mulheres na equipe.

Por meio do levantamento de dados realizado nesta pesquisa, em *sites* oficiais de times e federações de voleibol, ficou clara a dificuldade encontrada neste esporte quando o assunto é a presença feminina em cargos de comando, como o de técnico.

É bom acentuar que mesmo com a mulher se esforçando, ela ainda vai encontrar dificuldades e limitações de ascensão em cargos esportivos, devido à resistência cultural que ainda impera na sociedade brasileira. Assim, fica evidente que muitas vezes as mulheres não assumem o cargo de técnicas pelo fato de ser tão difícil a progressão na carreira, além das exigências em termos sociais e até familiares.

Depois de meses de pesquisa, a ideia de que a mulher precisa lutar pelos seus direitos, mostrar igualdade em qualquer área e estar sempre disposta a enfrentar as dificuldades imposta a ela, ficou bem clara. Para mudar toda a visão de que existem “lugares/espacos” masculinos e femininos, tem que partir daqueles que possuem interesse em defendê-los e assim acontecer a mudança em todos de uma forma geral mantendo ações e pensamentos homogêneos.

Desta forma, este trabalho mostrou-se importante na medida em que levantou o debate sobre a questão de gênero na sociedade, e em específico, no voleibol, sugerindo a necessidade de superar e refletir sobre as limitações socialmente impostas para as mulheres em cargos de comando. Além disso, entende-se que são necessárias propostas que visem dar maiores oportunidades para ascensão feminina dentro do esporte de alto nível, e em demais instâncias sociais.

## REFERÊNCIAS

ARARAQUARA.COM. **Sandra Mara Leão é a única mulher entre os técnicos da superliga, 2013.** Disponível em: <<http://www.araraquara.com/esportes/NOT,0,0,873310,Sandra+Mara+Leao+e+a+unica+mulher+entre+os+tecnicos+da+Superliga.aspx>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

ASSOCIAÇÃO JOAÇABENSE DE VOLEIBOL. Disponível em: <<http://www.ajov.com.br/site/>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição.** Barueri: Manole, 2008.

BLUMENAU VOLEIBOL CLUBE. Disponível em: <<http://www.bluvolei.com.br/site/modules.php?name=Conteudo&pid=1>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

BUENO, J. L. O.; BONIFÁCIO, M. A. D. Alterações de estados de ânimo presentes em atletas de voleibol, avaliados em fases do campeonato. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 179-184, 2007.

CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ. Disponível em: <[http://www.sportcirculo.com.br/?system=videos&id=31&categoria\\_id=10](http://www.sportcirculo.com.br/?system=videos&id=31&categoria_id=10)>. Acesso em: 17 jul. de 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **História do Voleibol Brasileiro.** Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/v1/institucional/histbrasileiro.asp>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **Histórico de resultados.** Disponível em: <[http://www.cbv.com.br/v1/selecao/hist\\_resultados.asp](http://www.cbv.com.br/v1/selecao/hist_resultados.asp)>. Acesso em: 04 jan. 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **Técnicos.** Disponível em: <[http://www.cbv.com.br/v1/selecao/hist\\_tecnicos.asp](http://www.cbv.com.br/v1/selecao/hist_tecnicos.asp)>. Acesso em: 20 ago. 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **Vivavôlei.** Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/v1/vivavolei/vivavolei.asp>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

DEVIDE, F. A Apresentação da atuação da mulher na área de treinamento e iniciação esportiva na natação, segundo professoras de iniciação de Teresópolis, RJ. In: Congresso Estadual de Educação Física e Ciência Do

Esporte, 1. **Anais...**Rio de Janeiro: Secretaria Estadual do CBCE/UFRJ. p 135, 1998.

DUARTE, O. **Histórias dos esportes**.4.ed. São Paulo: SENAC, 2004.  
ESPAÇO do voleibol. Disponível em: <<http://www.espacodovolei.com/>>.  
Acesso em: 01 set. 2013.

ESPORTE CLUBE PINHEIROS. Disponível em:  
<<http://www.ecp.org.br/esportes/volei>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

FARIA, N., NOBRE, M. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. In: SÃO PAULO (Estado). **Gênero e educação**: caderno de apoio para a educadora e o educador. São Paulo: SME, p. 40, 2003.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE VOLEIBOL. Disponível em:  
<<http://www.fpv.com.br/index.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE VOLEIBOL. **Treinadores**. Disponível em:  
<[http://www.voleibol-sc.com.br/novo\\_site/treinadores.php](http://www.voleibol-sc.com.br/novo_site/treinadores.php)>. Acesso em: 10 ago. 2013.

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE VOLEIBOL. Disponível em:  
<<http://www.voleiparana.com.br/index.php/inicio>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE VOLEIBOL. Disponível em: <<http://fmvolei.org.br/>>.  
Acesso em: 15 ago. 2013.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE VOLEIBOL. **Seleções**. Disponível em:  
<<http://www.voleigaicho.com.br/2013/selecoes.php>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

FEDERAÇÃO CARIOCA DE VOLEIBOL. Disponível em:  
<<http://www.voleirio.com.br/>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

FEDERAÇÃO BAIANA DE VOLEIBOL. Disponível em:  
<<http://fbvoleibaiana.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

FEDERAÇÃO TOCANTINENSE DE VOLEIBOL. Disponível em:  
<<http://www.voleitocantins.com.br/>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

FEDERAÇÃO PARAENSE DE VOLEIBOL. Disponível em:  
<[http://www.paravolei.com.br/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=7&Itemid=13](http://www.paravolei.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=7&Itemid=13)>. Acesso em: 16 ago. 2013.

FEDERAÇÃO MATOGROSSENSE DE VOLEIBOL. Disponível em:  
<<http://www.voleimatogrosso.com.br/>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

FERRARO, A. R. Escolarização no Brasil: articulando as perspectivas de gênero, raça e classe social. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 36, n. 2, p. 505-526. maio/ago. 2010.

FME – BALNEÁRIO CAMBORIÚ. **Vôlei feminino da FMEBC conquista classificação para regional da Olesc, 2013**. Disponível em: <<http://www.fmebc.sc.gov.br/2013/06/10/volei-feminino-da-fmebc-conquista-classificacao-para-regional-da-olesc/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

G.N. UNIÃO. **Vôlei da união é campeão invicto no Festival de Estrelas, 2013**. Disponível em: <<http://www.gnu.com.br/2735volei+do+uniao+e+campeao+invicto+no+festival+de+estrela.html>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

GRÊMIO RECREATIVO BARUERI. **Meninas do vôlei sub 21 conquistam mais uma vitória, 2013**. Disponível em: <<http://www.grbesportes.com.br/index.php/voleibol>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

IMPOLCETTO, M, F. **Livro didático como tecnologia educacional: uma proposta de construção coletiva para a organização curricular do conteúdo voleibol**. 2012. 321f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

JÚNIOR, A. A. L. Gênero e educação física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos. **Motrivivência**. Florianópolis. n.19, p. 1-8, dez. 2002.

LOURO, L, G. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 7-23. Maio/ago. 2008.

LUCAS DO RIO VERDE. **Equipe de voleibol de Lucas do Rio Verde treina forte para mais um desafio nas próximas semanas, 2013**. Disponível em: <[http://www.lucasdoriorverde.mt.gov.br/principal/Pag\\_Noticias.php?cod=3123&codDep=2](http://www.lucasdoriorverde.mt.gov.br/principal/Pag_Noticias.php?cod=3123&codDep=2)>. Acesso em: 01 set. 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARINGÁ.COM. **Equipe de vôlei Moda Maringá representará cidade na Superliga Nacional**. Disponível em: <<http://www.maringa.com/noticias/12286/Equipe+de+volei+Moda+Maringa+representara+cidade+na+Superliga+Nacional>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

MONTE CRISTO VOLEIBOL. Disponível em: <<http://www.voleimontecristo.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

MOURÃO, L. A. representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano VII, n. 13, p. 5-18, 2000.

NITERÓI VÔLEI CLUBE. Disponível em: <<http://niteroivolei.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

NOVA TRENTO VOLEIBOL. Disponível em: <<http://ntvolei.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

OISHI, S. B. M. **O número de técnicos e técnicas que comandam equipes masculinas e femininas**. 2010. 41f. Trabalho de Graduação (Graduação em Educação Física), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

OLIVEIRA, G. A. S. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível**. 2002. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

RIO CLARO. Prefeitura municipal. Disponível em: <<http://www.rioclaro.sp.gov.br/>>. Acesso em 15 de jul. de 2013.

ROMERO, E. A Educação Física a Serviço da Ideologia Sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 15, n. 3, p. 226-234, jan., 1994.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da Educação Física na escola: a perspectiva de professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 167-178, 2005.

SADA VOLEIBOL. **Equipes**. Disponível em: <<http://sadacruzairo.com.br/index.php/equipe/principal/>>. Acesso em: 14 set. 2013.

SANTO ANDRÉ. Prefeitura Municipal. Santo André resgata voleibol da cidade e apresenta nova equipe masculina adulta. Disponível em: <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/noticias/item/7362-santo-andre-resgata-voleibol-da-cidade-e-apresenta-nova-equipe-masculina-adulta>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

SÃO BERNARDO VOLEI. Disponível em: <<http://www.saobernardovolei.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2013.

SÃO CARLOS. Prefeitura municipal. Disponível em: <<http://www.saocarlosocial.com.br/esportes/>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

SÃO PAULO (Estado). Gênero e educação. In: SÃO PAULO. **Gênero e educação**: caderno de apoio para a educadora e o educador. São Paulo: SME, p. 21- 22, 2003.

SESI – SP, ESPORTE & LAZER. **Equipes do SESI**. Disponível em: <<http://www.sesisp.org.br/esporte/equipes-do-sesi/volei.html>>. Acesso em: 15 set. 2013.

SOCIEDADE DE GINÁSTICA PORTO ALEGRE. **Voleibol**. Disponível em: <<http://www.sogipa.com.br/portal/voleibol/>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

SOLLYS VOLEI. Disponível em: <<http://www.nestle.com.br/sollysvolei/>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

SOUZA JÚNIOR, O. M. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: KERR, D. (Org.). **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação, Educação Física**. São Paulo: Unesp, p. 71-86. 2004.

STAUROWSKY, E. J. *Women coaching male athletes*. In: MESSNER, M.; SABO, D. **sport, men, and the gender order: Critical feminist perspectives**, Champaign: Human Kinetics Publishers.p. 163-170, 1990.

VIANNA, C. Educação e Gênero: parceria necessária para a qualidade do ensino. In: SÃO PAULO. **Gênero e Educação: caderno para professores**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003.

VOLEI AMIL. Disponível em: <<http://voleiamil.com.br/>>. Acesso em: 10 set. 2013.

VOLEI FUTURO. Disponível em: <<http://www.voleifuturo.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

VOLEI MONTES CLAROS. Disponível em: <<http://voleimoc.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2013.